

A VIOLÊNCIA ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: PROPOSTA DE REFLEXÃO E DESAFIO PARA A GESTÃO

Maria de Fátima Frayha de SOUZA

SOUZA Maria de Fátima Frayha de. **A Violência entre os muros da escola: proposta de reflexão e desafio para a gestão.** Projeto de investigação científica do Curso de Direito – Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA), Belém, 2014.

A investigação em causa foi realizada sobre violência em uma escola da rede pública estadual de ensino fundamental e médio, da cidade de Belém, no ano de 2014. Teve como alicerce metodológico um estudo de caráter descritivo e exploratório. Com base na coleta de dados, interpretou os fatos estudados, traduzindo as percepções dos atores envolvidos. Ao final, recomenda algumas ações para a gestão escolar e a elaboração de políticas públicas educacionais, no sentido de prevenir e lidar com situações de violência escolar. As definições da violência envolvem padrões sociais diversos, implicando formas variadas de expressão. Cada sociedade está às

voltas com sua própria violência, com aquilo que ela pontua como violento, dependendo de critérios de valores, leis, normas, religião, tradição, história e outros fatores. Portanto, a escola é uma instituição social não inexorável, e, assim, como muitas organizações e sistemas existentes, possui um ciclo de vida do qual sua vigência depende inteiramente da forma como atende e ou responde às necessidades da sociedade que a circunda. O estudo apresenta como objetivo oferecer um quadro de produção de conhecimentos sobre o tema e informações importantes, capazes de caracterizar a violência escolar no Brasil, sobretudo nos centros urbanos. Para tanto se veriam os principais fatores geradores de violência na escola; analisou-se o nível de preparo e de conhecimento da gestão escolar acerca do assunto; indicaram-se algumas lacunas e a necessidade de novas investigações para o estudo do problema. Foram utilizadas, de forma associada, abordagens quantitativas e qualitativas. Foi aplicado um questionário a alunos, professores e gestores, cujos dados foram posteriormente projetados em gráficos e analisados. O questionário foi dividido em três partes. Da primeira, constaram três questões de múltipla escolha sobre a ocorrência de

violências na escola de maneira geral. Da segunda, 10 questões de múltipla escolha sobre os tipos de violências que mais ocorrem na escola. Da terceira, seis questões de múltipla escolha sobre as principais ações que a escola desenvolve para acabar ou reduzir a violência em sua dependência. Os questionários foram respondidos por 73 alunos, nove professores e quatro gestores. Ressalta-se que a escola, com todas as críticas pertinentes que lhe possam fazer, se constitui como espaço de produção e, como tal, pode vir a ser espaço de reflexão e fazer crítico. Em vista disso, para se pensar na violência escolar contemporânea, é imprescindível que se retire o discurso do eixo das culpabilizações localizadas. Ao se dar voz aos sujeitos institucionais, buscou-se investigar os atravessamentos advindos das redes de poder previamente estabelecidas, ou seja, os efeitos que regulam os modos de relações entre os sujeitos. Fazendo-se a análise dos dados sobre as percepções dos participantes, percebeu-se contradição nas respostas dos alunos em comparação com as dos professores e dos diretores, sobre a violência escolar e todos os temas a ela relacionados. Depreendeu-se, então, que a comunicação entre os envolvidos era muito precária,

levando a uma série de mal-entendidos que dificultavam as ações ao combate à violência. A discrepância de opiniões observada levou a crer que essa escola seja mais uma que perdeu o contato com a comunidade. Antes, as escolas eram vistas como um ponto seguro para as crianças e adolescentes, porquanto proporcionavam conhecimento e bons valores aos discentes, gerando uma relação de confiança entre os pais e as instituições de ensino; todavia o aumento da miséria e, conseqüentemente, da violência nos grandes centros urbanos, entre os anos 60 e 2000, no Brasil, fez com que as atitudes violentas que ocorrem nas ruas se propagassem para dentro dos ambientes de ensino. Embora se esteja diante de um quadro bastante pessimista, há uma única boa ação da escola, que consiste no fato de a maioria, tanto dos alunos quanto dos professores e da direção, concordar que, em casos de violência grave, a escola recorre à polícia. Isso já é um começo, apesar de tal atitude, por si só, não ser suficiente ao combate à violência, pois a polícia não age na causa do problema da violência escolar, e também, muitas vezes, acaba cometendo atitudes agressivas, gerando um ciclo vicioso de violência que dificulta a implantação de

uma cultura de paz no ambiente escolar. Considera, ao final, que seja imprescindível o papel da gestão frente à violência nas escolas e que a escola e a família devem estar atentas a vários aspectos comportamentais das crianças e dos adolescentes, considerando os possíveis papéis que cada um deles pode desempenhar em uma situação de violência escolar. Identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores é de suma importância para que as escolas e as famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o problema. A vivência na rotina de uma escola para o aluno é extremamente importante, é a vivência que levará por toda a sua vida em sociedade. O aluno que vive o *bullying* passa por temores, submissões e agressões externas e silenciosas, algumas vezes irreparáveis. As tentativas dos professores e gestores em repassar o conhecimento e tentar manter o controle de alunos indisciplinados são bastante espinhosas. A violência que esses alunos possam praticar ou sofrer entre os muros da escola nasce, muitas vezes, de uma deficiência de zelo e afetividade na infância. Não se pretende formular uma receita que venha a solucionar definitivamente o problema, tampouco esgotar os

questionamentos relativos à violência nas escolas, mas sim, refletir e pesquisar acerca dos principais tipos de violências escolar e as principais ações da gestão frente a essa problemática.

Palavras-chave: Escola pública. Violência. Gestão escolar.